

ESTÉTICA E CRÍTICA DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS: AUTORIA, CURADORIA ALGORÍTMICA E DISPUTA SIMBÓLICA NA ERA DA AUTOMAÇÃO CRIATIVA

Sushila Vieira Claro¹Vinícius Alves Sarralheiro²Robson de Andrade Gonçalves³Acácio Vinicius Bianchi⁴

RESUMO

O presente ensaio investiga os impactos estéticos, éticos e comunicacionais da aplicação de inteligências artificiais (IAs) na produção cultural contemporânea. O objetivo central é discutir de que maneira os sistemas generativos desafiam os conceitos de autoria, originalidade e diversidade simbólica. Para isso, adotou-se abordagem qualitativa e exploratória, com análise bibliográfica interdisciplinar, observação crítica de plataformas de criação algorítmica (como DALL-E, ChatGPT e Midjourney) e exame de estudos recentes sobre o uso de IA na arte, comunicação e mídia. Os resultados apontam para a emergência de uma estética da simulação e para a consolidação de padrões visuais e narrativos baseados na repetição de conteúdos populares. Identificou-se que os sistemas de recomendação e

¹ Doutora em Educação, Linguagem e Psicologia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4165-6132>. E-mail: sushila.claro@usp.br

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9268-3173>. E-mail: vinicius.sarralheiro@gmail.com

³ Doutorando em Cultura, Filosofia e História da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3713-139X>. E-mail: robson.ashtoffen@gmail.com

⁴ Bacharel em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP). Graduando em Relações Públicas no Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo na Escola de Comunicação em Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4671-5746>. E-mail: acaciovb@usp.br

personalização tendem a reforçar estéticas dominantes, reduzindo a variedade expressiva e invisibilizando formas culturais não hegemônicas. Como produto, o artigo propõe uma tipologia das principais implicações críticas das IAs no campo artístico, com foco na ética da criação, nos direitos autorais e na necessidade de regulamentações sensíveis à diversidade. A discussão revela que a IA pode ampliar os repertórios expressivos, mas que sua adoção sem diretrizes claras pode contribuir para a homogeneização cultural. Conclui-se que o futuro da estética algorítmica depende de práticas críticas e políticas públicas que combinem inovação tecnológica com justiça simbólica e pluralidade cultural.

Palavras-chave: Estética Digital; Inteligência Artificial; Autoria; Curadoria Algorítmica; Ética na Criação.

AESTHETICS AND CRITIQUE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCES: AUTHORSHIP, ALGORITHMIC CURATION AND SYMBOLIC DISPUTES IN THE ERA OF CREATIVE AUTOMATION

ABSTRACT

This essay investigates the aesthetic, ethical, and communicational impacts of artificial intelligences (AIs) in contemporary cultural production. The central aim is to discuss how generative systems challenge traditional notions of authorship, originality, and symbolic diversity. A qualitative and exploratory methodology was adopted, involving interdisciplinary bibliographic analysis, critical observation of algorithmic creation platforms (such as DALL-E, ChatGPT, and Midjourney), and review of recent studies on the use of AI in art, communication, and media. Results indicate the emergence of a simulation-based aesthetic and the consolidation of visual and narrative patterns rooted in the repetition of popular content. Recommendation and personalization systems tend to reinforce dominant aesthetics, diminishing expressive variety and making non-hegemonic cultural forms invisible. As a result, the article proposes a typology of the main critical implications of AIs in the artistic field, focusing on creation ethics, authorship rights, and the need for culturally sensitive regulation. The discussion shows that while AI can expand expressive repertoires, its unregulated use may promote cultural homogenization. The conclusion emphasizes that the future of algorithmic aesthetics depends on critical practices and public policies that combine technological innovation with symbolic justice and cultural plurality.

Keywords: Digital Aesthetics; Artificial Intelligence; Authorship; Algorithmic Curation; Creation Ethics.



ESTÉTICA Y CRÍTICA DE LAS INTELIGENCIAS ARTIFICIALES: AUTORÍA, CURADURÍA ALGORÍTMICA Y DISPUTAS SIMBÓLICAS EN LA ERA DE LA AUTOMATIZACIÓN CREATIVA

RESUMEN

Este artículo investiga los impactos estéticos, éticos y comunicacionales de las inteligencias artificiales (IAs) en la producción cultural contemporánea. El objetivo principal es analizar cómo los sistemas generativos desafían las nociones tradicionales de autoría, originalidad y diversidad simbólica. Se adoptó una metodología cualitativa y exploratoria, basada en análisis bibliográfico interdisciplinario, observación crítica de plataformas de creación algorítmica (como DALL-E, ChatGPT y Midjourney) y revisión de estudios recientes sobre el uso de la IA en el arte, la comunicación y los medios. Los resultados apuntan a la emergencia de una estética de la simulación y a la consolidación de patrones visuales y narrativos basados en la repetición de contenidos populares. Se identificó que los sistemas de recomendación y personalización tienden a reforzar estéticas dominantes, reduciendo la variedad expresiva e invisibilizando formas culturales no hegemónicas. Como producto, el artículo propone una tipología de las principales implicaciones críticas de las IAs en el campo artístico, centrando la atención en la ética de la creación, los derechos de autoría y la necesidad de regulaciones sensibles a la diversidad. Se concluye que el futuro de la estética algorítmica dependerá de prácticas críticas y políticas públicas que combinen innovación tecnológica con justicia simbólica y pluralidad cultural.

Palabras clave: Estética Digital; Inteligencia Artificial; Autoría; Curaduría Algorítmica; Ética de la Creación.

INTRODUÇÃO

O avanço da inteligência artificial (IA) na produção estética provocou deslocamentos profundos nas noções de autoria, originalidade e processo criativo. Ferramentas como DALL-E, Midjourney e BlueWillow, aliadas a redes neurais generativas, expandem as fronteiras da criação ao produzir imagens e sons com um nível de acabamento técnico impressionante (Alves, 2020). Contudo, esse progresso técnico vem acompanhado de questões cruciais: estamos diante de uma nova forma de arte ou de um reflexo sofisticado da repetição? Os algoritmos não criam do nada — aprendem a partir de acervos culturais marcados por exclusões e

padrões historicamente hegemônicos (Alamu et al., 2020). Assim, a promessa de inovação se mescla à reprodução de estéticas dominantes, reforçando tendências e suprimindo margens. A criatividade algorítmica, em vez de plural, corre o risco de ser confortável e previsível.

No campo da comunicação e da mídia, os algoritmos não apenas produzem imagens: eles organizam experiências, definem fluxos e filtram o visível. A personalização automatizada de conteúdos, combinada à curadoria baseada em rastros digitais, faz com que o engajamento seja priorizado em detrimento da diversidade estética (Rosca et al., 2024). O design da interação é moldado para capturar atenção, não para ampliar repertórios, o que afeta tanto os criadores quanto os públicos, que se veem envolvidos em ecossistemas visuais cada vez mais normativos. Há um esvaziamento da surpresa, uma diminuição do ruído — elementos que sempre foram vitais à arte. Se o inesperado desaparece em nome da previsibilidade, não perdemos apenas variedade, mas também potência crítica. O que Rancière (2009) chamaria de partilha do sensível é reformulado pela lógica algorítmica, que reordena o visível e o invisível. Nessa dinâmica, a padronização, disfarçada de eficiência, passa a funcionar como estética dominante e, com isso, a própria ideia de criação se torna um território disputado entre desejo humano e otimização algorítmica.

As implicações éticas desse cenário parecem incontornáveis. Ao mesmo tempo em que a IA permite novas formas de expressão e acessibilidade criativa, também desafia os marcos legais que definem quem cria, quem assina e quem lucra. Obras geradas por algoritmos baseiam-se em padrões estilísticos preexistentes, muitas vezes sem atribuição ou reconhecimento, reacendendo o debate sobre propriedade intelectual, autoria compartilhada e direitos morais em tempos de deepfakes e cópias sintéticas. A distinção entre autoria e automatização, entre intenção e execução, precisa ser pensada com cuidado. Afinal, se o gesto criador é delegado a máquinas, o que resta à imaginação humana? Mais do que uma questão técnica, trata-se de uma disputa simbólica em que os critérios dos

dados e as escolhas invisíveis dos sistemas desempenham um papel central na forma como arte, cultura e identidade serão produzidas — e reconhecidas — daqui para frente.

A ESTÉTICA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: PRODUÇÃO DE CONTEÚDO CRIATIVO

Ferramentas como DALL-E, Midjourney e Jukebox, aliadas a modelos como ChatGPT, exemplificam um novo ecossistema criativo, onde o código colabora, interpreta e simula o gesto artístico (Alves, 2020). A produção visual tornou-se acessível a quem nunca desenhou, a composição musical passou a emergir de padrões matemáticos, e a escrita criativa deixou de ser exclusividade humana. Tais transformações democratizam o fazer artístico, mas flexionam os conceitos de autoria, originalidade e intencionalidade — especialmente porque esses sistemas aprendem com vastos repertórios culturais humanos (Rosca et al., 2024; Albino & Valente, 2023). Obras como “The Next Rembrandt” (2016), por exemplo, embora tecnicamente brilhantes, evocam inquietações: o que é criação e o que é replicação? A IA não apenas aprende estilos: ela os mimetiza – e, nesse processo, o inédito pode ser confundido com o familiar. Como lembra Danto (2006), a arte não reside apenas na aparência da obra, mas na intencionalidade interpretativa e no contexto histórico que a produz. Quando algoritmos imitam estilos, sem intencionalidade própria, surge uma estética da simulação — formalmente sedutora, mas simbolicamente esvaziada.

Ainda que essas ferramentas ampliem as possibilidades expressivas, há limites que não podem ser ignorados. Por serem treinadas a partir de padrões — e padrões, por sua natureza, tendem à repetição, favorecem o que já funcionou, o que gerou cliques, o que emocionou mais vezes. Com isso, um risco silencioso: a homogeneização estética. O design algorítmico, quando opera sem criticidade, repete formas, reforça vieses e invisibiliza o que escapa ao padrão (Gillespie, 2018). Plataformas de streaming, redes sociais e repositórios visuais priorizam o que se

encaixa, e não o que desafia. A curadoria digital passa a ser mediada por métricas de engajamento, e não por critérios de diversidade estética ou inovação cultural (Alamu et al., 2020). Nesse ambiente, artistas experimentais encontram menos espaço, e o espectador, ainda que mais exposto a conteúdo, é guiado por rotas pré-programadas, confortáveis, previsíveis. A inteligência é artificial, mas o impacto é real — e profundamente simbólico.

No entanto, pensar a IA apenas como antagonista da criatividade é reduzir o debate. A tecnologia, quando situada em diálogo crítico com seus próprios limites, pode se tornar ferramenta potente para colaborações inéditas entre humanos e máquinas. Projetos híbridos, que unem a sensibilidade do artista à capacidade de processamento dos algoritmos, têm revelado novos modos de criação e expressão. Mas isso exige diretrizes claras: seu uso ético na arte precisa considerar questões como transparência, autoria compartilhada e justiça algorítmica. O cerne não está somente na produção, mas na regulação e no pensamento político que cerca essas práticas; será preciso decidir se a IA será instrumento de diversidade estética ou veículo de padronização global. Entre a promessa de democratização e o risco da repetição, reside o campo aberto da estética digital. E nele, a curadoria crítica, a autoria reflexiva e o compromisso ético serão tão importantes quanto os dados que alimentam os sistemas.

CRÍTICA DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS: IMPACTOS CULTURAIS E SOCIAIS

A incorporação da inteligência artificial na produção estética tem transformado a maneira como compreendemos a criatividade e os processos autorais. Ferramentas baseadas em modelos generativos tornaram-se capazes de produzir imagens, músicas e textos com notável sofisticação, ainda que sem consciência de contexto ou intenção criativa (Alves, 2020; Bruno, 2020). Essa ausência de intencionalidade alimenta um debate sobre a legitimidade artística dessas obras, uma vez que elas operam pela recombinação de padrões preexistentes, o que compromete o valor atribuído à originalidade, sobretudo

quando o produto final surge de bases de dados compostas por obras humanas. O resultado, muitas vezes, é a repetição do já visto, o reforço do que já agrada. Assim, a IA não expande automaticamente o campo da arte — ela o tensiona. E o faz não só no plano da estética, mas também na estrutura simbólica que sustenta o reconhecimento artístico.

Além de reconfigurar a criação, acaba por afetar as dinâmicas do mercado e os modos de circulação cultural. A substituição de profissionais por sistemas automatizados em áreas como ilustração, design e composição musical tem acentuado a precarização do trabalho criativo (Alves, 2020). Ao mesmo tempo em que reduz custos e acelera processos, essa estratégia mercadológica transforma a arte em produto de replicação em larga escala, esvaziando seu caráter expressivo e singular. Soma-se a isso o fato de que algoritmos treinados em dados enviesados reproduzem — e muitas vezes amplificam — desigualdades históricas, apagando corpos, estéticas e vozes dissidentes (Alamu et al., 2020; Bruno, 2020). Deepfakes, filtros estéticos e curadorias automatizadas operam como dispositivos de exclusão simbólica, onde a beleza se uniformiza e o diferente se torna ruído — tudo isso sob o verniz da eficiência.

Entretanto, pensar essa tecnologia somente como ameaça seria insuficiente. É preciso reconhecer seu potencial colaborativo, desde que guiado por diretrizes críticas e éticas. Projetos híbridos, que utilizam a IA como ferramenta coautora, podem ampliar as possibilidades expressivas e desafiar fronteiras disciplinares (Gillespie, 2018). No entanto, essa abertura exige responsabilização, já que a legitimação de obras geradas dessa forma demanda critérios estéticos e jurídicos que respeitem tanto a originalidade quanto a diversidade cultural. Diretrizes claras sobre autoria, uso de dados e transparência nos processos de criação são fundamentais para evitar a banalização do criativo em nome da automação (Rosca et al., 2024). O desafio, portanto, não está na presença da IA na arte, mas nos modos como escolhemos integrá-la. Se bem orientada, ela pode ampliar o sensível.

Caso contrário, pode reduzi-lo à repetição do previsível. A escolha é cultural, política e urgente.

ESTÉTICA E IA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO E MÍDIA

Instrumentos digitais baseados em algoritmos são hoje utilizados para gerar campanhas publicitárias personalizadas, roteiros interativos, elementos visuais sob demanda e trilhas sonoras moldadas ao perfil do usuário (Alves, 2020). Essa dinâmica inaugura novas formas de interação e engajamento ao mesmo tempo em que desestabiliza as noções de autenticidade, autoria e diversidade estética. A eficiência algorítmica, que adapta conteúdos em tempo real e reduz custos de produção, vem sendo celebrada por anunciantes e produtores independentes (Rosca et al., 2024). No entanto, sua adoção em larga escala levanta dúvidas importantes: quais estéticas são reforçadas? Que discursos são silenciados? E que tipo de subjetividade é produzida quando a comunicação passa a ser orientada por dados?

Essa personalização oferece experiências moldadas ao perfil do usuário, gerando e reforçando bolhas informativas e consolidando estéticas dominantes. Como a IA aprende com grandes repositórios de dados — frequentemente enviesados pelo gosto majoritário — tende a repetir aquilo que já foi amplamente consumido, deixando à margem formas de expressão mais experimentais ou culturalmente alternativas (Gillespie, 2018; Samuel-Okon, 2024), o que afeta diretamente a diversidade cultural e simbólica dos meios digitais, favorecendo o previsível em detrimento do inovador. O problema se agrava com a disseminação de deepfakes, que comprometem a autenticidade da imagem e desafiam os limites éticos da produção audiovisual (Al-kairy et al., 2024). Paralelamente, os algoritmos de recomendação em plataformas de streaming e redes sociais reforçam estéticas dominantes, limitando o acesso a influências alternativas e impactando a formação de repertórios culturais: embora o conteúdo possa parecer diverso, sua estrutura muitas vezes se repete.

Por outro lado, a IA também revela potência como instrumento de inclusão digital. A automação de legendas, transcrições e descrições visuais amplia o acesso de pessoas com deficiência aos conteúdos midiáticos, e sua implementação em produções independentes democratiza a criação audiovisual, especialmente em contextos de escassez de recursos (Albino & Valente, 2023). Entretanto, essa mesma tecnologia, se mal direcionada, pode acentuar desigualdades já existentes, reproduzindo estereótipos culturais e reforçando ausências estruturais (Bruno, 2020). Assim, o futuro da comunicação mediada por IA dependerá menos da inovação técnica e mais das escolhas políticas e culturais que orientarem sua aplicação. Será necessário estabelecer diretrizes éticas, fomentar bancos de dados mais diversos e garantir transparência nos processos criativos a fim de transformar algoritmos em aliados de uma comunicação mais plural, acessível e justa.

ÉTICA E PROPRIEDADE INTELECTUAL NA ESTÉTICA DAS IAS

Algoritmos capazes de gerar imagens, músicas e textos sem mediação direta de um artista humano desafiam o arcabouço jurídico vigente, que ainda opera com categorias tradicionais de autoria (Alves, 2020; Albino & Valente, 2023). A indefinição sobre quem deve ser creditado por essas criações evidencia lacunas legais que comprometem a proteção dos direitos autorais e favorecem o uso não autorizado de obras preexistentes (Rosca et al., 2024). A ausência de transparência nos processos criativos, marcada pelo funcionamento opaco dos modelos de IA, agrava o quadro: são sistemas que aprendem com grandes volumes de dados, mas cuja lógica de decisão é difícil de rastrear ou interpretar. Tornar esses processos mais explicáveis — ainda que parcialmente — é condição básica para que artistas e reguladores possam atuar com clareza e segurança. A tecnologia evolui mais rápido que o direito - e esse descompasso gera riscos reais.

Esses riscos ganham contornos mais complexos diante da capacidade de manipular imagens e sons com altíssimo grau de realismo: a proliferação de deepfakes e conteúdos fabricados fragiliza a confiança do público nas mídias

digitais e compromete o campo informacional como um todo (Al-kfairy et al., 2024). A estética hiper-realista gerada por máquinas exige filtros técnicos e critérios éticos que orientem sua aplicação, especialmente quando se trata de representação humana, discursos públicos ou narrativas sensíveis. Ao mesmo tempo, há uma pressão crescente por regulamentações que protejam criadores humanos e impeçam que obras originais sejam utilizadas sem consentimento para alimentar bases de dados corporativas (Mezgár & Váncza, 2022). A União Europeia tem se mostrado pioneira nesse sentido, propondo diretrizes que classificam as IAs conforme seus riscos e promovem salvaguardas à criatividade humana (Alves, 2020); mas essas normas ainda estão longe de alcançar consenso global. O mercado artístico, por sua vez, hesita: obras geradas por IA circulam, mas despertam resistência. A arte continua sendo mais que forma — é também intenção, gesto, contexto.

A ética na produção estética algorítmica também se entrelaça a desafios de diversidade cultural: quando treinada sobre acervos enviesados ou homogêneos, tende a reproduzir o que já é dominante, empobrecendo a paisagem estética e marginalizando expressões periféricas (Samuel-Okon, 2024). A homogeneização não é apenas um efeito colateral técnico — ela é resultado de escolhas políticas sobre quais dados entram no sistema e quais são sistematicamente deixados de fora. O futuro da criação mediada por IA, portanto, não depende exclusivamente de avanços computacionais, mas de decisões sociais e jurídicas capazes de equilibrar inovação com equidade. Serão necessárias políticas públicas, regulamentações claras e, sobretudo, uma consciência crítica por parte de artistas, engenheiros e instituições. A IA não precisa ser uma ameaça à criatividade: se bem orientada, pode ampliar territórios estéticos, promover acessibilidade e desafiar fronteiras autorais. Para isso, é preciso garantir que ela sirva à cultura — e não que a cultura se molde aos seus limites.

ESTÉTICA E CRÍTICA: PERSPECTIVAS FUTURAS PARA A IA

A IA vem sendo utilizada tanto para compor imagens e sons quanto para organizar exposições digitais, gerar experiências imersivas e interativas no metaverso, e ampliar o acesso a acervos artísticos mediados por algoritmos (Alves, 2020; Albino & Valente, 2023). Essa aproximação entre artistas e sistemas computacionais inaugura uma lógica de coautoria, na qual a criatividade humana é ampliada e potencializada por operações algorítmicas. Contudo, esse cenário híbrido exige atenção: a intencionalidade criativa, o contexto cultural e a expressão individual, fundamentos do fazer artístico, não podem ser dissolvidos no processo automatizado: se a IA democratiza o acesso a ferramentas, também convoca um debate profundo sobre a legitimidade estética, a autoria partilhada e os critérios de valor no mercado da arte.

A questão ética se torna ainda mais sensível quando se observa o funcionamento interno dessas tecnologias. A maioria dos sistemas de IA opera a partir de grandes bancos de dados, nem sempre representativos da diversidade cultural e estética dos contextos em que são aplicados (Samuel-Okon, 2024), o que pode levar à reprodução de padrões dominantes e à exclusão de formas expressivas marginalizadas, criando um panorama de homogeneização visual e sonora (Albino & Valente, 2023). A padronização algorítmica, ao privilegiar o que já foi consagrado, limita a emergência de novas linguagens e bloqueia a experimentação. Por isso, é fundamental desenvolver mecanismos que garantam a pluralidade de referências nos processos de treinamento, assegurando que essas ferramentas reflitam tanto a eficiência técnica quanto a riqueza simbólica dos territórios culturais.

Frente a essas transformações, a construção de diretrizes éticas e jurídicas torna-se imprescindível para garantir que a IA seja uma aliada da inovação cultural e não um vetor de apagamento simbólico. É imediato a formulação de políticas públicas e de regulamentações que assegurem a transparência dos processos criativos, o respeito aos direitos autorais e a preservação da diversidade estilística – tarefa que não é exclusiva do setor jurídico: envolve também artistas, educadores,

programadores e curadores. O futuro da criação estética mediada por algoritmos dependerá, em grande medida, da capacidade coletiva de equilibrar inovação tecnológica com responsabilidade ética. Quando bem orientada, a IA não apenas colabora com o humano — ela o expande. Mas, para isso, é preciso cuidar do como, do porquê e do para quem essa expansão acontece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inteligência artificial tem alterado profundamente o campo da estética e da crítica, ao reconfigurar os modos de produção, circulação e legitimação das expressões artísticas e comunicacionais. Ao mesmo tempo em que democratiza o acesso a ferramentas criativas, amplia as possibilidades de experimentação e inaugura linguagens híbridas, também questiona conceitos como autoria, autenticidade e inovação (Albino & Valente, 2023). A personalização algorítmica, os deepfakes e a automação criativa introduzem dilemas éticos e simbólicos que desafiam as fronteiras entre realidade e ficção, criação e manipulação, humano e máquina (Al-kfairy et al., 2024). No setor publicitário e na cultura midiática, os algoritmos moldam estéticas e reforçam padrões, muitas vezes operando a partir de vieses herdados dos dados que os alimentam (Samuel-Okon, 2024). A ausência de transparência nesses processos, somada à falta de regulamentação específica, dificulta o reconhecimento de autoria e a responsabilização em contextos de desinformação ou reprodução de desigualdades (Rosca et al., 2024).

No mercado de arte e nas práticas culturais digitais, a IA não substitui o artista, mas ressignifica seu papel. A produção generativa desafia a centralidade do gesto humano, propondo uma coautoria que exige revisão de critérios de valor, originalidade e intencionalidade (Mezgár & Váncza, 2022). Por um lado, a arte mediada por algoritmos pode ampliar repertórios e promover novas formas de expressão; por outro, se malconduzida, pode padronizar a estética global e apagar singularidades culturais (Albino & Valente, 2023). A reprodução de estéticas dominantes, motivada por sistemas de recomendação e filtros de popularidade,

ameaça a diversidade simbólica e pode marginalizar estilos e vozes dissidentes (Samuel-Okon, 2024). O entrave não está apenas na tecnologia, mas nas escolhas sociopolíticas que orientam seu uso. A regulamentação precisa ser equilibrada: não pode sufocar a inovação, mas também não pode abrir espaço para a exploração cultural desprotegida ou para a exclusão sistemática de minorias.

Projetar o futuro da IA aplicada à estética exige admitir que a tecnologia é moldada por interesses, que define acessos e reorganiza poderes simbólicos. Normas éticas e jurídicas voltadas à explicabilidade dos algoritmos, à salvaguarda da autoria e à valorização da diversidade são essenciais para evitar o empobrecimento cultural. No contexto educacional, o fortalecimento do letramento digital é igualmente urgente: formar criadores conscientes dos mecanismos da IA é essencial para que ela seja usada com propósito crítico e emancipador. A colaboração entre artistas, pesquisadores, desenvolvedores e formuladores de políticas públicas será decisiva para garantir que a tecnologia funcione como instrumento de ampliação estética — e não como vetor de homogeneização. Mais do que uma questão técnica, trata-se de um debate cultural e ético: se bem orientada, a IA pode enriquecer a criação artística contemporânea. Se deixada ao automatismo do mercado, tende a estreitar aquilo que a arte sempre buscou expandir: a pluralidade do sensível.

REFERÊNCIAS

AL-KFAIRY, M. et al. Ethical challenges and solutions of generative AI: An interdisciplinary perspective. Informatics. Multidisciplinary Digital Publishing Institute, p. 1-29, 2024.

ALAMU, O. F.; AWORINDE, O. H.; ISHARUFE, W. **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodiaspóricos**. São Paulo: Literarua, 2020.

ALBINO, J.; VALENTE, V. **Inteligência artificial e suas aplicações interdisciplinares**. Rio de Janeiro; E-publicar, 2023.

ALVES, L. **Inteligência Artificial e Comunicação**. São Paulo: Blucher, 2020.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser:** vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

DANTO, A. **Após o fim da arte:** a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Edusp, 2006.

GILLESPIE, T. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, 2018.

MEZGÁR, I.; VÁNCZA, J. From ethics to standards – A path via responsible AI to cyber-physical production systems. **Annual Reviews in Control**, v. 53, p. 391-404, 2022.

RANCIÈRE, J. **O partilhamento do sensível:** estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROSCA, C.; GORTOESCU, I.; TANASE, M. Artificial intelligence–powered video content generation tools. **Romanian Journal of Petroleum & Gas Technology**, v. V(LXXXVI), n. 1, p. 131-144, 2024.

SAMUEL-OKON, A. Smart media or biased media: The impacts and challenges of AI and big data on the media industry. **Asian Journal of Research in Computer Science**, v. 17, n. 7, p. 128-144, 2024.